

Bem-vindo ao Articulação Humanas

Clique nos ícones para explorar
os conteúdos desta edição



RÚSSIA x UCRÂNIA

ARTI CULA ÇÃO

H U M A N A S

JUNHO | 2022 EDIÇÃO Nº 6

ARTI CULA ÇÃO

HUMANAS

JUNHO | 2022 EDIÇÃO Nº 6



Clique nos ícones + para acessar
os conteúdos desta edição

A

De civis a soldados: como os voluntários defendem Kiev

[...]

Antes do início da guerra, Oleksandr Kolot, de 40 anos, trabalhava para uma empresa de TI. Na manhã de 24 de fevereiro, foi acordado por explosões e, no mesmo dia, se dirigiu ao serviço de armas para se apresentar. Mas não conseguiu. Lá, ouviu dos homens reunidos que as tropas russas invadiriam o distrito de Obolon, no norte de Kiev, e que as autoridades estariam entregando armas aos moradores da capital bem na rua. Mas elas não eram suficientes — e Kolot ficou sem.

No entanto, quando viu homens em trajes civis construindo uma barricada, se juntou a eles. Primeiro, cavou trincheiras a noite toda, depois, tornou-se parte da defesa territorial.

SAWIZKIJ, Aleksander. De civis a soldados: como os voluntários defendem Kiev. **DW**, 26 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/de-civis-a-soldados-como-os-volunt%C3%A1rios-defendem-kiev/a-61269622>>. Acesso em: 1º abr. 2022.

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



Clique nos ícones + para acessar os conteúdos desta edição

B

Sanções e guerra no conflito ucraniano

Pressões econômicas para dobrar um adversário? [...]

Sabendo-se duramente exposta a um ambiente de sanções, a Rússia decidiu se adaptar e procurou até tirar partido da situação. Em resposta às restrições impostas em razão da agressão russa contra a Ucrânia, Moscou adotou o embargo das importações de produtos agrícolas provenientes da Europa, América do Norte, Austrália e Noruega. O efeito protecionista dessas medidas impulsionou sua produção nacional. As vendas agroalimentares para o exterior atingiram o nível recorde de US\$ 30 bilhões em 2020, mais que as de gás natural, tornando a Rússia um país exportador líquido de produtos agrícolas pela primeira vez desde a coletivização soviética.

RICHARD, Hélène; ROBERT, Anne-Cécile. Sanções e guerra no conflito ucraniano. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 3 mar. 2022. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/sancoes-e-guerra-no-conflito-ucraniano>>. Acesso em: 1ª abr. 2022.

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



Clique nos ícones + para acessar
os conteúdos desta edição

Rússia acusa Ucrânia de ataque aéreo e prevê impacto em negociações de paz

A Rússia acusou a Ucrânia, nesta sexta-feira (1º), de conduzir um ataque aéreo contra um depósito de combustível em Belgorod, cidade russa próxima à fronteira, a menos de 80 quilômetros da ucraniana Kharkiv. O ataque chama atenção porque, se confirmada a autoria ucraniana, seria a primeira investida aérea a uma cidade em solo russo desde o início da guerra, que se estende há 37 dias.

A Ucrânia, no entanto, nega ter atacado a cidade russa.

[...]

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que o incidente pode comprometer as negociações de paz.

RÚSSIA acusa Ucrânia de ataque aéreo e prevê impacto em negociações de paz. **Folha de S.Paulo**, 1º abr. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/04/ucrania-preve-mais-ataques-da-russia-no-sul-enquanto-moscou-fala-em-avanco-de-negociacoes.shtml>>. Acesso em: 1º abr. 2022.

D

Neonazismo na Ucrânia? História e controvérsias sobre a extrema direita ucraniana

Este episódio do *podcast* **História FM** aborda a questão das milícias paramilitares de extrema direita e neonazistas na Ucrânia. Putin têm utilizado o argumento de combater grupos neonazistas como uma das justificativas para a intervenção militar russa na Ucrânia, mas especialistas afirmam que a guerra tende a dar mais força aos grupos extremistas (que hoje são totalmente minoritários na Ucrânia), uma vez que o conflito armado acaba reforçando a imagem desses grupos como nacionalistas que resistem bravamente diante da ação de uma potência militarista e imperialista. Você pode escutar o *podcast* clicando [aqui](#).

FIQUE

SA
BEN
DO!

SAIBA MAIS SOBRE
O TEMA DESTA EDIÇÃO.



Clique nos ícones + para acessar os conteúdos desta edição



A questão da Crimeia

Clique no *play* e assista ao vídeo desta edição.





Rússia x Ucrânia

CONHEÇA A OPINIÃO DE
QUEM ESTUDA O ASSUNTO.



No dia 24 de fevereiro (2022), o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, fez um discurso à sua nação dando início a uma “operação militar especial” em território ucraniano, com o objetivo de “desmilitarizar e desnazificar” o país vizinho, cujas ações políticas, desde 2014, de acordo com o presidente, haviam posto em risco à vida de russos e de ucranianos que se consideram parte integrante da sociedade e da nação russa. Com o início das investidas das forças armadas russas, um bloco de países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos, iniciou uma série de políticas de contenção e combate às pretensões do governo russo por meio do envio de armas à resistência ucraniana, bem como a implementação de sanções econômicas, visando enfraquecer o poderio russo, pressionando, assim, pelo término da guerra.



Embora a possibilidade de prever futuras ações e consequências dessa guerra seja algo de difícil realização, um olhar ao passado nos ajuda a compreender melhor as motivações e as causas que balizam esse conflito, de forte teor histórico, cultural e geopolítico. Vamos a elas.

Motivações históricas

A história recente da Rússia, ao menos desde o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, mostra uma aproximação do país com a Ucrânia e com a Bielorrússia, em comparação às relações russas com os demais Estados que pertenciam ao extinto bloco soviético. Laços históricos e culturais explicam, em grande parte, a necessidade e o desejo dos governantes russos em manter esses dois países em sua zona de influência.

Historicamente existem registros da presença de povos eslavos, grupo étnico indo-europeu, que ocupou regiões da Europa central e oriental desde o Império Romano na Antiguidade. As populações atuais da Rússia, da Ucrânia e da Bielorrússia são compostas em sua maioria por descendentes desse grupo étnico. A compreensão histórica entre a relação dos eslavos com os territórios atuais da Rússia e da Ucrânia pode ser situada ao longo do século IX, quando o nobre e guerreiro de origem sueca Rurik conquista um território às margens do rio Dnipro, fundando a cidade de Kiev [atual capital da Ucrânia], um importante centro comercial, responsável pelas trocas entre os povos do norte e do leste europeu com os povos do Oriente Médio e da Ásia Central. Além da fundação da cidade, Rurik inicia um processo de expansão territorial, que fundamenta a construção do Império de Kiev, nos séculos posteriores. No período que se seguiu ao domínio de Rurik, os Rus de Kiev, nome dado àquela população, tornaram-se uma das maiores potências europeias, dominando por completo todo o Leste europeu, tendo o seu auge político e comercial nos séculos X e XI. O ápice da extensão territorial dos Rus de Kiev ocorreu com o reinado de Vladimir I [ou Vladimir, o Grande], descendente direto da Dinastia de Rurik, no poder entre 980 e 1015. Em seu governo, o Império de Kiev se estende desde o Mar Báltico, ao norte, até o Mar Negro, ao sul, conquistando a península da Crimeia.





Por intermédio do Mar Negro, os Rus de Kiev tiveram forte contato comercial e cultural com o Império Bizantino, o que explica a constante e gradual conversão dos eslavos (descendentes dos Rus de Kiev) ao Cristianismo ortodoxo, religião dominante, até os dias de hoje, na região — um elemento cultural importante de união do povo eslavo. Além disso, a península da Crimeia tem um papel de extrema importância para esses povos e seus descendentes, em razão de sua posição estratégica de “ponte” entre a Europa e a Ásia.

No século XIII, contudo, o Império de Kiev teve seu fim, após uma série de invasões lideradas por Batu Khan, imperador do povo mongol. Com a dissolução de Kiev, as elites políticas dos Rus migraram para duas das principais cidades do antigo império, Novogorod e Moscovo [atual Moscou]. Com o passar dos séculos, a cidade de Moscou se tornou o berço para a solidificação da dinastia Romanov, responsável pela unificação de grande parcela do Leste europeu, sob a tutela do Império Russo.

Durante o período de domínio do Império Russo — entre os séculos XVII e XX — formaram-se movimentos sociais e culturais que visaram a criação e a consolidação de uma identidade nacional russa. No reinado do czar Pedro, o Grande — entre 1682 e 1725 —, a percepção vigente da identidade russa pautava-se na imagem do país como membro das famílias monárquicas tradicionais europeias. Assim, a Rússia seria mais um país europeu. Em contrapartida, ao longo das décadas subseqüentes, outra interpretação sobre a história e a cultura russa surgiu, ganhando espaço nos círculos políticos e artístico do país: em vez de um país europeu, a Rússia seria um império euroasiático cuja origem e cuja missão estariam ligadas ao povo eslavo; dessa forma, caberia ao Estado russo a tarefa de proteger os eslavos.

Essa interpretação sobre o papel cultural e histórico do Estado russo, de promover a integração e garantir a proteção dos povos eslavos, orientou as ações da monarquia russa nas décadas iniciais do século XX. A defesa do pan-eslavismo por parte da Rússia foi uma característica constitutiva de toda a crise política e diplomática europeia que culminou na Primeira Guerra Mundial.

Em meio ao caos causado pela Grande Guerra, os bolcheviques, liderados por Lênin, tomaram a frente da direção política russa, em 1917, e buscaram uma saída do conflito, por meio de negociações diplomáticas com a Alemanha, no Tratado de Brest-Litovsky, que envolveram perdas territoriais russas. Essa medida foi interpretada,

pela tradição de pensamento nacionalista russo, como um enorme erro político por parte do governo revolucionário.

Já no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, a expansão das áreas de influência da União Soviética em diversos países do Leste da Europa, após a ocupação militar do Exército Vermelho, responsável pela derrota bélica do nazismo, pode ser interpretada como um novo momento de retomada do protagonismo russo em sua relação com os povos eslavos. Embora na Guerra Fria predominassem as justificativas ideológicas nas ações geopolíticas das potências em disputa (EUA x URSS), o argumento da “Mãe Rússia” como a grande “Pátria do socialismo”, responsável por proteger países menores, também esteve presente em sua retórica diplomática.



Federação Russa e Leste Europeu (início década de 1990)



Fonte: DUBY, Georges. **Grand Atlas Historique**. Paris: Larousse, 2008. p. 312- 313.

Atualmente, Vladimir Putin buscou — e continua buscando — uma forma de utilizar a longa tradição acerca do debate identitário russo em seu favor. Nos primeiros anos de seu governo, no final da década de 1990, a percepção dominante defendida por Putin baseava-se na concepção de que a Rússia, como um país europeu, deveria se integrar às arquiteturas institucionais de cooperação entre os países do continente. Contudo, após uma desavença com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e com os Estados Unidos, por volta de 2005, o presidente Putin pauta sua nova política externa numa percepção identitária que entende o papel do Estado russo como provedor da existência e da prosperidade do povo eslavo. A partir desse momento, Putin afirma que o fim da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica à Rússia, pois sua dissolução criou países independentes com a presença de uma minoria étnica russa que poderia ser subjugada pelas majorias étnicas de cada um desses países.

Essa relação histórica e cultural entre a Rússia e alguns de seus vizinhos, principalmente ucranianos e bielorrussos, vem sendo destacada nos últimos anos nas políticas internacionais de Putin. Não por acaso, esse argumento cultural-histórico é mobilizado pelo presidente russo em seu discurso de 24 de fevereiro de 2022 — bem como em seu discurso à nação, ocorrido dois dias antes —, em que ele chama os ucranianos de “compatriotas”, “companheiros próximos”, “amigos”, “parentes”, “laços de sangue” e, por fim, “família”.

Em contrapartida a política de aproximação russa com as antigas nações soviéticas, a Ucrânia buscou aproximar-se da Europa tentando sua inserção na Otan, o que significou uma ameaça à soberania da Rússia, uma vez que o território ucraniano poderia ser usado para estabelecer bases militares da Otan.



Motivações geopolíticas

Além das questões culturais–identitárias, outra causa latente do conflito entre Rússia e Ucrânia reside nos elementos geopolíticos estratégicos ao Estado russo, grande parte deles ligados ao território ucraniano.

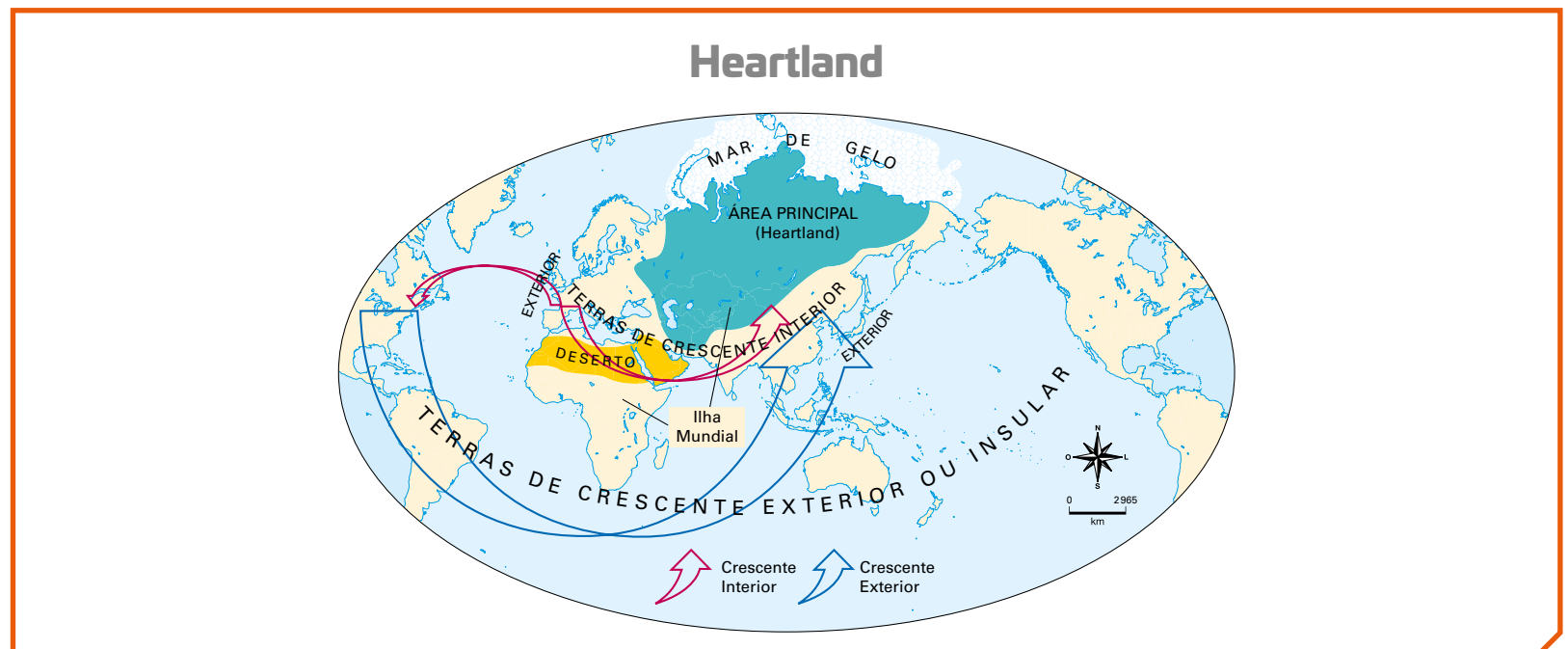
Com o fim do Império de Kiev, a península da Crimeia foi dominada pelo Império Bizantino, retornando ao controle eslavo somente no final do século XVIII, com a Guerra Russo–Turca. A insistência do Império Russo em (re)conquistar a Crimeia remetia ao seu desejo de dominar a região do Mar Negro — local de grande importância para o comércio entre a Europa e parte da Ásia — e de acessar o mar Mediterrâneo, algo possível por meio da passagem pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos — atualmente, a Rússia detém uma base militar naval no mar Mediterrâneo.



O acesso aos chamados “mares quentes” está presente em grande parte do debate político russo desde o seu período imperial, passando pelo tempo soviético, até a atualidade. Em razão da posição geográfica da Rússia, grande parte dos mares que banham o seu território localiza-se em regiões de frio extremo, como o Ártico, impossibilitando a navegação (e mobilização de tropas) por cerca de seis meses ao ano. Essa dificuldade da Rússia em acessar “mares quentes”, ou mares de fácil navegação, é o que caracterizou a supremacia e a fraqueza do território russo, o que os geopolíticos do século XX chamaram de *Heartland* (que pode ser traduzido como “coração da terra”). A primeira conceitualização da *Heartland* se deu por meio da tese geopolítica do geógrafo inglês Halford John Mackinder (1861-1947),

no início do século XX, cuja influência nas cúpulas políticas britânica e estadunidense foi marcante.

De acordo com Mackinder, em termos territoriais e políticos, o mundo poderia ser entendido como composto por um grande oceano, uma Ilha Mundial, de grandes proporções terrestres (Europa, África e Ásia) e por três ilhas continentais: a América do Sul, a América do Norte e a Oceania. Dentro dessa Ilha Mundial, existe uma porção territorial que irá se sobrepor em razão de sua importância estratégica-geográfica, que é, digamos assim, o coração da Ilha Mundial. A essa porção territorial, Mackinder chamou de *Heartland*, situada na junção da Europa com a Ásia, na Eurásia. Uma região com fácil acesso aos outros quatro grandes pontos da Ilha Mundial: a Europa, o Oriente Médio, a Índia e a China.



Fonte: MACKINDER, H. J. **Geographical Journal**, 1904, p. 312.



Na tradição geopolítica estadunidense, inaugurada pelo oficial da Marinha Alfred Thayer Mahan (1840–1914), ainda no século XIX, há a predominância de uma leitura histórica que enfatiza o constante conflito entre a potência terrestre e a potência naval, sendo necessário que uma combata a outra para não ser subjugada pela sua contraparte. Durante todo o século XIX e início do século XX, o Reino Unido se configurou como maior potência naval do mundo, posto perdido após a Segunda Guerra Mundial com o advento do poderio político e militar dos Estados Unidos, cujas bases militares navais estão espalhadas por todo o mundo.

O controle dos mares seria, assim, um elemento determinante para o sucesso político, militar e econômico das grandes potências. Diferentemente de Mackinder, a ideia presente na tradição estadunidense iniciada por Mahan é: quem controla os mares controla o mundo. Logo, é fundamental impedir o acesso russo aos mares navegáveis (“mares quentes”), uma vez que a Rússia já controla a *Heartland*.

Tensões entre Rússia e Otan

As relações entre a Rússia e a Otan, desde o final da Guerra Fria, em 1991, passaram por diversas fases de tensões e entendimentos. Nos anos 1990, o debate público liderado pela OTAN questionava a existência de uma aliança militar entre os ex-membros do bloco soviético; com a desintegração da URSS, em 1991, também terminou o Pacto de Varsóvia — acordo político-militar entre países socialistas. Ao mesmo tempo, no debate político e acadêmico russo, a não dissolução da Otan demonstrava o entendimento de que, aos olhos da política europeia e estadunidense, a Federação Russa deveria ser combatida da mesma maneira que a União Soviética tinha sido.



Em meados da década de 2000, com a recusa dos Estados Unidos em assinar o Tratado de Forças Armadas Convencionais na Europa — que visava iniciar um processo de desmilitarização no território europeu e que já contava com a assinatura russa — e a divulgação da criação de um Sistema Nacional

de Defesa Antimíssil, por parte dos estadunidenses, no Leste europeu, em países como Polônia e República Tcheca, a elite política russa decreta que os Estados Unidos e seus aliados na Europa, por meio da Otan, constituíam uma ameaça existencial latente ao Estado, à soberania e à sociedade russa.

Europa e União Soviética: pós-Segunda Guerra Mundial



Fonte: **Revista L'Histoire**, n. 286. Paris: Société des Editions Scientifiques, abr. 2004. p. 38.



Um momento importante para o estabelecimento da Otan, como ameaça existencial à Rússia, ocorreu em 2007, com um famoso discurso proferido por Putin, na Conferência de Segurança de Munique, na Alemanha. Nele, além de retirar a Rússia do Tratado de Forças Armadas Convencionais na Europa, Putin determinou as principais bases de sua nova política externa visando a segurança da Rússia frente à ameaça da Otan, sendo um dos pontos cruciais dessa política a proteção da zona de influência russa, que consiste principalmente de países vizinhos pertencentes ao “mundo eslavo”.

Colocando em prática sua nova política externa, a Rússia, ao invadir a Ucrânia, recebeu como resposta uma rápida mobilização da Otan, o que demonstrou uma vivacidade inesperada por parte dos membros da aliança militar, pois acreditava-se que, durante o governo de Donald Trump, a aliança estivesse enfraquecida em razão das críticas e cortes orçamentários feitos pelo então presidente dos EUA.


Contudo, a ação militar da Otan apresenta limitações próprias às questões geopolíticas globais, uma vez que um confronto direto com a Rússia é evitado a todo custo. Dessa forma, presenciamos, desde o início da guerra, uma série de ações militares que buscam fortalecer os Estados membros da Otan, principalmente aqueles que, durante a Guerra Fria, pertenciam ao bloco soviético ou à sua zona de influência [como os países bálticos e a Polônia], com o intuito de dissuadir um eventual ataque russo a essas nações.

O principal “ataque” à Rússia ocorreu de fato por meio de instrumentos econômicos — as sanções — que visam enfraquecer o poder e o prestígio do governo russo por meio de imposições crescentes às trocas comerciais e financeiras entre a Rússia e o mundo. Contudo, essas sanções já estavam em andamento desde 2014, quando a Crimeia foi anexada à Federação Russa, e não demonstraram grande efetividade em seus objetivos. Com o início da guerra contra a Ucrânia, elas se intensificaram, principalmente com a exclusão de grande parte dos bancos russos da Society for Worldwide

Interbank Financial Telecommunication (Sociedade para as Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais), o chamado “sistema swift”, o que, na prática, impede grande parte das transações financeiras russas.

O impacto dessas sanções ainda é incerto, uma vez que a literatura científica sobre o assunto aponta para a ineficácia política de tais práticas. Além disso, a estratégica cooperação entre a Rússia e a China, sua vizinha, na esfera comercial-financeira tem sido essencial para regular a economia russa.





Desdobramentos da guerra

Com intensa visibilidade por parte da mídia, o confronto militar entre a Rússia e a Ucrânia, iniciado em 2022, coloca questões e preocupações importantes, não somente para os cidadãos de ambos os países, mas também para o mundo.

Desde o início dos confrontos armados, com a intensificação do discurso estadunidense e as movimentações militares por parte das tropas da Otan, o questionamento sobre a possibilidade de uma guerra nuclear paira sobre a mídia e o debate público. Dominante no pensamento sobre as relações internacionais desde a segunda metade do século XX, está o axioma de que Estados com capacidade bélica nuclear não entrariam em guerra um contra o outro — inclusive, uma das características mais marcantes da Guerra Fria reside exatamente nesse ponto. Desse modo, a Guerra Fria inaugura as “guerras por procuração”, que financiam e apoiam grupos contrários que guerreiam entre si, com a inexistência de um conflito direto entre as potências nucleares, o que resultaria em uma “**dissuasão** nuclear”, existente pela percepção de que uma guerra nuclear levaria a uma “destruição mútua assegurada” [da sigla em inglês MAD — *mutual assured destruction*].

Contudo, além do uso de armamentos nucleares estratégicos — com alto poder destrutivo —, o desenvolvimento das indústrias bélicas possibilitou o surgimento das chamadas armas nucleares táticas, de menor alcance de destruição, sendo armamentos mais precisos e contidos (comparados às armas nucleares estratégicas). O uso dessas armas táticas está previsto nas doutrinas militares de parte das potências nucleares, como os Estados Unidos e a Rússia. Assim, seguindo o debate da ciência das Relações Internacionais, embora seja muito difícil pensar numa confrontação bélica entre as principais potências nucleares, o uso de armamentos nucleares táticos torna-se uma possibilidade concreta no decorrer da guerra que estamos presenciando.



Um segundo desdobramento importante diz respeito às negociações de um cessar-fogo, bem como ao futuro das relações entre a Rússia e a Ucrânia. Em 22 de fevereiro de 2022, o presidente Putin reconheceu formalmente a independência das Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk, duas das principais cidades existentes na região leste do território ucraniano — chamando de Donbass a região fortemente industrializada cuja população é historicamente mais identificada com a Rússia do que com a Ucrânia.

Em 7 de março de 2022, o governo russo demonstrou publicamente seus requisitos para negociar um cessar-fogo. De acordo com Dmitri Peskov, porta-voz do governo russo, o fim da guerra na Ucrânia só seria possível com: (a) a rendição militar da Ucrânia; (b) uma mudança na constituição ucraniana criando um mecanismo legal que impedisse qualquer adesão futura do país à Otan e/ou à União Europeia; e, por fim, (c) o reconhecimento formal, pelo governo da Ucrânia, da independência da Crimeia, Donetsk e Lugansk. Desde então, diversas rodadas de negociações ocorreram. As exigências da Rússia, de um lado, e o posicionamento contrário das potências ocidentais, de outro, impedem uma negociação de paz de fato entre as partes envolvidas na guerra, o que prolonga a falta de resolução.





Thiago Babo é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). É coordenador do Gabinete Oliveiros S. Ferreira de Pesquisa em Sociologia das Relações Internacionais (GOF/USP) e do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP/USP), além de pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI/USP).

Por fim, as movimentações recentes na política internacional apontam para a possibilidade de uma reconfiguração nas relações de poder entre as principais potências mundiais. Comentando os desdobramentos do término da Guerra Fria, em 1991, o então presidente dos Estados Unidos, George Bush, apontou para o nascimento de uma nova ordem internacional, caracterizada pelo término de uma ordenação bipartida — dominante durante todo o período de 1947 a 1991 — e o estabelecimento de uma hegemonia estadunidense no globo.

O século XXI vem sendo marcado pelo crescimento do poder econômico, político e militar da China, bem como a reestruturação da Rússia como potência mundial. O fortalecimento desses dois países, com uma possível retração da influência estadunidense no mundo, colocaria a ordem internacional pós-Guerra Fria em xeque, mostrando o início de um novo ordenamento da política internacional.





A guerra e suas consequências

Movimentos de guerra na Ucrânia



Grupos envolvidos

Assistência financeira

Refugiados



Situação atual

Mortes

Fonte: ZAFRA, Mariano; et all. Los mapas de la guerra en Ucrania: la ofensiva rusa hasta el 13 de marzo. **El País**, 4 mar. 2022. Disponível em: <<https://elpais.com/internacional/2022-03-05/los-mapas-de-la-guerra-en-ucrania-hoy-el-ejercito-ruso-avanza-por-el-sur-e-intenta-rodear-kiiev.html>>. Acesso em: 1º jul. 2022.



- Guerra
- Ucrânia
- Rússia
- Otan

V Organizando ideias

1. Aponte os principais atores políticos internacionais, além da Rússia e da Ucrânia, envolvidos no conflito e descreva seus principais interesses.
2. Descreva os fatores geopolíticos que fazem que uma “contenção à *Heartland*” seja necessária por parte dos Estados Unidos e de seus aliados europeus.

Debate e reflexão

Vamos realizar uma simulação de negociação de paz entre os governos russo e ucraniano. Além de representantes desses países, será necessária a presença de observadores, com destaque para os Estados Unidos, a União Europeia (principalmente França e Alemanha) e a China, e mediadores da Organização das Nações Unidas (ONU). Cada grupo deverá pesquisar os argumentos e as motivações de cada país ou organização com relação ao conflito. Durante a simulação, é necessário o total respeito aos ritos diplomáticos; nas negociações, não pode haver réplica das múltiplas violências existentes no campo de batalha. Não esqueçam de que certas concessões devem ocorrer, a barganha é sempre um instrumento importante nas negociações internacionais.



No vestibular

1. (FMP-RJ)

Analise a imagem a seguir.



Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/media/images/mapacrimeiaanexada.jpg>>. Acesso em: 07 maio 2015.

A anexação à Rússia da região ucraniana destacada na imagem provocou a seguinte situação geopolítica:

- a) rompimento dos laços diplomáticos entre os governos de Kiev e de Washington.
- b) sanções da União Europeia e dos Estados Unidos contra o governo russo.
- c) suspensão das manobras militares russas no leste da Ucrânia.
- d) incremento das exportações russas de gás natural para a União Europeia.
- d) ações geoestratégicas da China pelo controle do gás ucraniano.



No vestibular

2. (UERJ)

Rússia formaliza anexação da Crimeia

A Rússia anexou formalmente a Península da Crimeia a seu território, depois de um duro discurso do presidente Vladimir Putin em meio a pesadas críticas aos EUA, à União Europeia e ao governo interino da Ucrânia. Nesse discurso que antecedeu a assinatura da anexação da Crimeia, Putin destacou a questão como vital para os interesses russos. Segundo ele, o Ocidente “cruzou uma linha vermelha” ao interferir na Ucrânia. “A Crimeia sempre foi e é parte inseparável da Rússia”, declarou o presidente.

Adaptado de estadao.com.br, 18/03/2014.

O evento abordado na reportagem está simultaneamente associado ao presente e ao passado dos povos envolvidos.

Para explicar essa ação russa em relação à Crimeia, são fundamentais os seguintes interesses do atual governo Putin:

- a) superar o pan-eslavismo — reduzir a diversidade étnica
- b) estimular a economia — ampliar a produção energética
- c) combater a corrupção — reconstruir a geopolítica global
- d) reforçar o nacionalismo — consolidar a geoestratégia militar



Diretor-geral

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de Conteúdo e Negócios

Cayube Galas

Diretor Adjunto de Sistema de Ensino

Júlio Ibrahim

Gerente de Produção e Design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Carolina Cardoso Dutra Evangelista

Editores Assistentes

Fernando Maneti Santos

Thais Alves de Souza

Yasmin Klein

Coordenador de Eficiência e Analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Analista de Fluxo

Letícia Bovolon Bezerra

Assistente de Fluxo

Samantha de Fatima Santos

Supervisora de Preparação e Revisão

Adriana Soares de Souza

Assistente Editorial

Renata Slovac Savero

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de Imagem e Texto

Marcia Berne

Imagem e Licenciamento

Equipe FTD

Coordenadora de Criação

Daniela Di Creddo Máximo

Coordenador de Produção e Arte

Fabiano dos Santos Mariano

Supervisor de Produção e Arte

Pedro Gentile

Projeto Gráfico

Bruno Atilli

Carlos Feitosa Ferreira

Editores de Arte

Carlos Feitosa Ferreira

Renata Kuba

Nono Estúdio: Coordenador Audiovisual

Diego Morgado

Nono Estúdio: Designers Audiovisuais

Ananda Castilho Barberino

Caio Francisco Brandão

Mauro Akira Ueda

Michel Luciano Silva Araújo

Crédito das imagens e vídeos

[capa] Ivan Marc/Shutterstock.com; [p.2] Tomasz Makowski/Shutterstock.com; [p.3] GarethWilley/Shutterstock.com; [p.4] Elena Koromyslova/Shutterstock.com; [p.5] imipix/Shutterstock.com; [p.6] Anastasia Mazureva/Shutterstock.com; [p.7] Allmaps; [p.8] Sasa Dzambic Photography/Shutterstock.com; [p.9] Evgeniy Vasilev/Shutterstock.com; [p.10] Allmaps; [p.11] LBeddoe/Shutterstock.com; [p.12] Sunshine Seeds/Shutterstock.com; [p.13] Allmaps; [p.14] Alexandros Michailidis/Shutterstock.com; [p.15] Sandor Szmuto/Shutterstock.com; [p.16] Giovanni Cancemi/Shutterstock.com; [p.17] Ben Von Klemperer/Shutterstock.com, Matyas Rehak/Shutterstock.com; [p.18] IhorM/Shutterstock.com; [p.19] vovidzha/Shutterstock.com, Arquivo Pessoal; [p.20] Allmaps/Renato Bassani, Drop of Light/Shutterstock.com